

A LUTA ARMADA DA UNITA E A VARIÁVEL EXTERNA

COMPETIÇÃO E COLABORAÇÃO (1966-1974)*

João Fusco Ribeiro  

Universidade de Évora

O apoio material e moral externo, juntamente com a participação em redes de solidariedade governamentais e institucionais, constituíram uma variável determinante nas lutas de libertação da África Austral. Contudo, o grau de sucesso de um movimento independentista em captar assistência externa polivalente, em quantidade e qualidade, ou de estabelecer boas relações diplomáticas com plataformas internacionais anticoloniais, não se traduziu, necessariamente, em sucesso militar no terreno. Como aponta John Marcum (1978), no caso de Angola, se por um lado o exemplo da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) ilustra como a ausência de apoio externo substantivo limitou a capacidade de insurgência de uma guerrilha, por outro, os exemplos da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) demonstram que linhas externas de assistência substancial e contínua não foram suficientes para superar fragilidades políticas internas ou restrições de acesso à fronteira angolana impostas por países vizinhos. A capitalização político-militar das vantagens oferecidas pela variável externa dependeu muito da capacidade de mobilização interna das organizações revolucionárias angolanas.¹

Gostaria de agradecer aos dois revisores anónimos pelos comentários que contribuíram para a consolidação deste artigo. Todos os erros e omissões restantes são exclusivamente da minha responsabilidade.

- 1 John Marcum, *The Angolan Revolution Volume II: Exile Politics and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, Massachusetts: MIT Press, 1978, pp. 221-222.

O foco deste artigo são as conexões estabelecidas entre a UNITA e as redes de solidariedade anticolonial que sustentaram a luta armada do movimento entre 1966 e 1974. Por um lado, examina-se a multiplicidade dessas conexões, que apresentam uma considerável variedade geográfica, e caracterizam-se pela heterogeneidade de atores. Por outro lado, analisa-se a tipologia da ajuda material e moral fornecida por esses atores externos à causa anticolonial do Galo Negro. Além das conexões colaborativas, são abordadas as dinâmicas competitivas da UNITA, particularmente o distanciamento do movimento de modelos de descolonização de inspiração soviética, e o seu reflexo nas relações diplomáticas com plataformas anticoloniais regionais africanas. A metodologia utilizada baseia-se em uma triangulação qualitativa de documentação de arquivo produzida pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE-DGS), pelos Serviços de Centralização e Coordenação de Informação de Angola (SCCIA), e de materiais panfletários publicados pelo boletim informativo da UNITA (*Kwacha*) durante a luta anticolonial.

Existe um claro consenso historiográfico quanto à ausência de apoio externo significativo à UNITA durante a Guerra de Libertação Nacional de Angola.² Esse aspeto levou Marcum (1978) a caracterizar o movimento de Jonas Savimbi como um “*revolutionary outsider*”, comparativamente à capacidade de outras organizações nacionalistas angolanas rivais em criar

2 Alicia Altorfer-Ong, “East Asian Support to the Southern African Liberation Struggle, 1960’s to 1994” in Arnold J. Temu and N. Tembe (eds.), *Southern African Liberation Struggles, Contemporary Documents, 1960-1994*, Vol. 8 (Dar-Es-Salaam: Mkuki na Nyota, 2014), pp. 285-288; Bruce D. Larkin, *China and Africa (1949-1970)*, Berkeley: University of California Press, 1973, p. 189; Fernando Guimarães, “The Origins of The Angolan Civil War: International Politics and Domestic Political Conflict 1961-1976”, Thesis (PhD in History), The London School of Economics, London, 1992, pp. 442-445, [↗](#); John Marcum, *The Angolan Revolution Volume II: Exile Politics and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, Massachusetts: MIT Press, 1978, pp. 221, 229-230; Stephen L. Weigert, *Angola – A Modern Military History, 1961-2002*, New York: Palgrave Macmillan, 2011, pp. 36-38; Steven F. Jackson, “China’s Third World Foreign Policy: The Case of Angola and Mozambique (1961-1993)”, *The China Quarterly*, n. 142 (1995), pp. 397-398, [↗](#); Teresa Koloma Beck, *The Normality of Civil War: Armed Groups and Everyday Life in Angola*, Frankfurt: Campus, 2012, pp. 88-92.

e manter conexões consistentes de solidariedade externa.³ A narrativa do Galo Negro transmitiu a ideia de que a ausência de apoio estrangeiro era parcialmente autoimposta. Os boletins de propaganda *Kwacha* destacavam a necessidade de implementar medidas de autossuficiência logística, adotar uma postura diplomática de não alinhamento e renunciar à luta armada liderada a partir do exílio, com o objetivo de reduzir a dependência do exterior e, portanto, evitar a instrumentalização da revolução nacional por potências externas no enquadramento da competição regional da Guerra Fria na África Austral.

A literatura que aborda a variável externa da UNITA pode ser dividida em três categorias. A primeira examina a agência dos fornecedores de apoio, principalmente a República Popular da China. É o caso dos trabalhos de Bruce Larkin (1973), Steven F. Jackson (1995) e Alicia Altorfer-Ong (2014), que identificam as motivações e contribuições anticoloniais da China na Luta de Libertação Angolana.⁴

Uma segunda categoria centra-se na cronologia da Guerra Civil de Angola e explora, de forma dispersa, algumas das repercussões de longo prazo das conexões de apoio externo anticolonial estabelecidas pelo movimento do Galo Negro. A obra de Kirsti Stuvøy (2002) sobre a economia de guerra da UNITA, faz referência à implementação de medidas de autossuficiência de inspiração maoísta.⁵ Na abordagem sociológica de Teresa Koloma Beck (2012) às dinâmicas da Guerra Civil, as influências chinesas no Galo Negro são frequentemente mencionadas.⁶ Já no trabalho de Justin Pearce (2015), o alinhamento ideológico da UNITA com o modelo chinês

3 Marcum, *The Angolan Revolution*, p. 225.

4 Altorfer-Ong, “East Asian Support to the Southern African Liberation Struggle”, pp. 282-292; Steven F. Jackson, “China’s Third World Foreign Policy” pp. 388-403; Bruce Larkin, *China and Africa*, pp. 186-193.

5 Kirsti Stuvøy, “War Economy and the Social Order of Insurgencies: An Analysis of the Internal Structure of UNITA’s War Economy”, *Research Unit of Wars, Armament and Development - University of Hamburg*, n. 3 (2002), pp. 43, 71-72.

6 Theresa Koloma Beck, *The Normality of Civil War: Armed Groups and Everyday Life in Angola*, pp. 88-89, 91, 97, 99-100.

“importado” e a admiração pessoal de Savimbi por Mao Tsé-Tung são dimensões referidas sumariamente.⁷

Uma última categoria aborda as conexões entre o mundo comunista e os movimentos de libertação angolanos durante a fase anticolonial. Apesar de um desequilíbrio temático que favorece o MPLA, alguns desses estudos oferecem contribuições para o caso da UNITA, como é o caso de João Fusco Ribeiro (2023).⁸ Adicionalmente, os trabalhos de Natalia Telepneva (2022) e de Helder Adegar Fonseca (2023) analisam a experiência de Jonas Savimbi como Ministro das Relações Exteriores do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE) nas várias tentativas de mobilização de recursos no Bloco de Leste.⁹

Isolamento Diplomático

Dos três movimentos de libertação angolanos, a UNITA foi a organização mais claramente marginalizada nas possibilidades de apoio externo e forçada ao quase isolamento diplomático. No plano das plataformas institucionais africanas nunca recebeu reconhecimento formal da Organização da Unidade Africana durante o período da luta pela independência (ao contrário do MPLA e da FNLA), o que a excluiu dos apoios financeiros

7 Justin Pearce, *A Guerra Civil em Angola 1975-2002*, Lisboa: Tinta da China, 2015, pp. 180-183.

8 João Fusco Ribeiro, “UNITA, China, and the Soviet Bloc: Rivalries, Constraints, and Cooperation (1964-1974)” in Lena Dallywater, Chris Saunders and Helder Adegar Fonseca (eds.), *Eastern Europe, The Soviet Union, and African: New Perspectives on the Era of Decolonization, 1950's to 1990's* (Berlin: De Gruyter, 2023), pp. 57-79, .

9 Natalia Telepneva, *Cold War Liberation: The Soviet Union and the Collapse of the Portuguese Empire in Africa, 1961-1975*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2022, pp. 81-87; Helder Adegar Fonseca, “Choosing Eastern Partners: The First Phase of the ‘Angolan Revolution’ (1960-1963)” in Lena Dallywater, Chris Saunders and Helder Adegar Fonseca (eds.), *Eastern Europe, The Soviet Union, and African: New Perspectives on the Era of Decolonization, 1950's to 1990's* (Berlin: De Gruyter, 2023), pp. 48-56, .

disponibilizados pelo Comitê de Libertação e limitou seriamente as oportunidades de projeção internacional.¹⁰

No âmbito das plataformas internacionais, a UNITA manteve contatos com a Organização das Nações Unidas (ONU). Perante o Comitê Especial de Descolonização (CED) da ONU que visitou Lusaka em 1969, o representante do Galo Negro, David Chinguji Samwinbila, apresentou uma petição onde expôs as atividades anticoloniais desenvolvidas pela guerrilha da UNITA no interior de Angola. Samwinbila relatou ao Comitê que apesar da “ausência de ajuda externa” e da “propaganda enganosa de alguns angolanos renegados”, a UNITA possuía o “apoio inquestionável do povo nas cidades e no campo”.¹¹ Foram apresentadas fotografias ao Comitê de armas capturadas ao exército português pela guerrilha como prova da utilização de equipamento da NATO em Angola. Três pedidos foram formulados à ONU pelo Galo Negro: “1) Dizer às nações dementes para pararem de fornecer armas a Portugal; 2) Exercer pressão sobre Portugal para induzir o país a conceder independência imediata e completa a Angola; 3) Para [um representante da ONU] vir connosco a Angola e ver por si o que lá se passa”.¹² No entanto, não há indicação que algum representante da ONU tenha visitado as áreas operacionais da UNITA durante a Guerra de Libertação.

Nos alinhamentos entre organizações independentistas africanas o movimento do Galo Negro não integrou o bloco da “Aliança de Casablanca”, que formou, em 1961, a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), constituída pelo MPLA, pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), pelo Partido Africano para a

10 Hilmi S. Yousuf, “The OAU and the African Liberation Movement”, *Pakistan Horizon*, n. 28, vol. 4 (1985), pp. 55-67, .

11 United Nations Archives and Records Management Section (UNARMS), New York, Department of Trusteeship and Information from Non-Self-Governing Territories (DTINSGT), Office of the Assistant Secretary-General (OASC)/ S-0504, B-99, F-1, *Petition submitted by UNITA to the United Nations Special Committee on Decolonization at Lusaka, Zambia*, 1969, fl. 2.

12 UNARMS/ DTINSGT / OASC/ S-0504/ B-99/ F-1/ *Petition submitted by UNITA to the United Nations Special Committee on Decolonization at Lusaka, Zambia*, 1969, fl. 3.

Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e pelo Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP). Foi deixado de fora do eixo da “Aliança do Congo”, associação de curta duração formada em 1963 entre a FNLA, o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO), o Pan Africanist Congress of Azania (PAC) e a Zimbabwe African National Union (ZANU), mas que continuou a agir informalmente até à década de 70.¹³ Em 1969, na Conferência de Khartoum, os movimentos que integravam a Afro-Asian People’s Solidarity Organization (AAPSO) - MPLA, FRELIMO, PAIGC, o African National Congress (ANC), a Zimbabwe African People’s Union (ZAPU) e a Southwest Africa People’s Organization (SWAPO) - foram consideradas as únicas organizações “representativas” das lutas de libertação em África.¹⁴ A AAPSO constituía, na verdade, o conjunto dos movimentos “autênticos” patrocinados pela política externa soviética no qual a UNITA nunca foi incluída.¹⁵

Contudo, um relatório da PIDE sugere que o Galo Negro foi um dos elementos centrais na formação da United Front of Action (UFA), juntamente com a Southwest Africa People’s Organization (SWAPO) e o African National Congress (ANC). Em dezembro de 1966, durante uma conferência em Lusaka, representantes dos três movimentos¹⁶ teriam anunciado a formação da frente ao apresentar uma visão etapista para a libertação da África Austral. Na primeira fase, os três movimentos concentrar-se-iam na expulsão dos portugueses de Angola, ao que se seguiria a luta pela

13 Jackson, “China’s Third World Foreign Policy”, pp. 389-390.

14 Arquivo de História Social (AHS), Lisboa, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Coleção Arquivo de História Social (CAHS), Movimentos Nacionalistas Africanos (MNA), 144, *International Affairs Bulletin*, ‘Khartoum Conference and Six Liberation Movements’, Vol. IV, No. 1, 1969: pp. 1-2.

15 Carolinen Stolte, “‘The People’s Bandung’: Local Anti-Imperialists on an Afro-Asian Stage” *Journal of World History*, n. 30, vol. 1-2 (2019), pp. 153-154, ; Natalia Telepneva, “Our Sacred Duty: The Soviet Union, the Liberation Movements in the Portuguese Colonies, and the Cold War (1961-1975)”, Thesis (PhD in History), London School of Economics, London, 2014, pp. 177-183, .

16 UNITA: Jonas Savimbi e Kaposo Muliata; SWAPO: Sam Nujoma (Presidente da SWAPO, 1960-2007); ANC: Duma Nokwe (Secretário-Geral do ANC, 1958-1969), Oliver Tambo (Presidente do ANC, 1967-1991) e Joe Modise (Comandante-Chefe do braço armado do ANC, *Umkhonto we Sizwe* (MK), 1965-1990).

independência da Namíbia e posteriormente seguir-se ia a luta contra o regime minoritário branco na África do Sul. Embora formada apenas por esses três movimentos, a UFA contava com a colaboração próxima da ZANU e da ZAPU da Rodésia, e da FRELIMO em Moçambique.¹⁷ Não existem evidências adicionais que confirmem a sugestão da PIDE. Porém, a UNITA estabeleceu de fato uma longa aliança operacional com a SWAPO durante a fase anticolonial.¹⁸

Contrastando com os casos do MPLA e da FNLA, que desenvolveram relações colaborativas na Argélia com a Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN) e a Frente Portugal Livre (FPL), o movimento do Galo Negro foi incapaz de estabelecer relações significativas com organizações antifascistas portuguesas.¹⁹ Isto não significava que a UNITA não mantivesse contatos com elementos opositores ao Estado Novo. Foi o caso da correspondência que Tony da Costa Fernandes e Jonas Savimbi mantiveram com Francisco Ramos da Costa, dissidente do Partido Comunista Português (PCP) e fundador, juntamente com Mário Soares, da Resistência Republicana e Socialista (RPS).²⁰

O grande esforço diplomático da UNITA durante a Guerra de Libertação foi o de ser reconhecida formalmente por parte da Organização de Unidade Africana (OUA) e, dessa forma, ver a sua luta legitimada em pé de igualdade com o MPLA e a FNLA, e quebrar o isolamento externo através da participação em redes institucionais de solidariedade que fornecessem ajuda material e publicitassem a sua causa anticolonial. Desde cedo

17 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Lisboa, PIDE-DGS, Serviços Centrais (SC), P.6573, Vol.1, NT 7444-7448, *United Front of Action - UFA*, 1966, fls. 347-349.

18 Sobre a parceria UNITA-SWAPo ver Vilho Amukwaya Shigwedha, “The Relationship between UNITA and SWAPO: Allies and Adversaries”, *Journal of Southern African Studies*, n. 40, vol. 6 (2014), pp. 1275-1287, [DOI](#).

19 Marcum, *The Angolan Revolution*, pp. 226-227; Susana Maria Santos Martins, “Exilados Portugueses em Argel - A FPLN das Origens à Rutura com Humberto Delgado (1960-1965)”, Tese (doutoramento em História), FCSH, Lisboa, 2013, pp. 56-58, 68, 98-99, 102-109, 340-341, [DOI](#); Dawn Linda Raby, “Portuguese Exile Politics: The ‘Frente Patriótica de Libertação Nacional’ (1962-1973)”, *Luso-Brazilian Review*, n. 31, vol. 1 (1994), pp. 77-89, [DOI](#).

20 Arquivo da Fundação Mário Soares (AFMS), Lisboa, Documentos Francisco Ramos da Costa (DFRC), P.04286.003, *Correspondência com UNITA e MPLA*, 1967-1970, pp. 1-8.

que a presença da guerrilha da UNITA no interior de Angola foi ignorada por parte da OUA. Em Junho de 1967, a Comissão Militar Neutra da OUA analisou, através da aplicação de diversos parâmetros,²¹ o desempenho dos movimentos de libertação em Angola com o propósito de estabelecer a “base correcta para a assistência militar a ser fornecida de futuro” às guerrilhas independentistas.²² Esta Comissão teve contato direto com representantes da FNLA e do MPLA, inspecionou centros de operações militares e fez uma apreciação detalhada da evolução da luta armada de ambos os movimentos.²³ No relatório final não existe nenhuma referência à presença de um terceiro movimento de libertação em Angola. No entanto, durante esse período, a atividade operacional da guerrilha do Galo Negro encontrava-se em um estágio ainda embrionário,²⁴ o que pode explicar a desconsideração do movimento pela OUA.

Recorrentemente, e sem sucesso, a UNITA apelou ao reconhecimento formal por parte da OUA e convidou representantes dessa organização a visitarem as áreas operacionais da guerrilha do Galo Negro. Por um lado, através do boletim de propaganda *Kwacha*, procurou manifestar publicamente a sua disposição em resolver os problemas da “unidade” do nacionalismo angolano, ao propor a criação de uma Frente Democrática Unida entre os três movimentos de libertação e sob os auspícios da OUA.

21 As linhas orientadoras da Comissão Militar Neutra da OUA para avaliar o avanço da luta de independência em Angola foram divididas em duas componentes: 1) Antecedentes – a) Data da Fundação do Partido; b) Data do Lançamento da Luta Armada; c) Composição da Chefia do Partido; d) Representações em Países Africanos; e) Jornais e Boletins emitidos pelos Movimentos; 2) Atividades – a) Zonas de Combate; b) Regiões Libertadas; c) Número de Forças, Armamento e Material; d) Forças Inimigas; e) Relações dos Movimentos de Libertação com os Países Vizinhos; f) Relações entre os Movimento de Libertação. ANTT, PIDE-DGS, Delegação de Angola (DA), PI 130.01.01, Vol.5, NT 2720-2724, *Relatório da Comissão Militar Neutra da OUA sobre Angola*, 1967, fls. 37-38.

22 ANTT, PIDE-DGS, DA, PI 130.01.01, Vol.5, NT 2720-2724, *Relatório da Comissão Militar Neutra da OUA sobre Angola*, fl. 28.

23 ANTT, PIDE-DGS, DA, PI 130.01.01, Vol.5, NT 2720-2724, *Relatório da Comissão Militar Neutra da OUA sobre Angola*, fl. 28.

24 João Fusco Ribeiro, “História da UNITA: Da Fundação ao Acordo de Alvor (1966-1975)”, Tese (Doutoramento em História), Universidade de Évora, 2023: pp. 76-77, 82.

Por outro, procurou convencer a OUA da legitimidade “revolucionária” da UNITA, demonstrando que a guerrilha de Savimbi mantinha uma presença efetiva no interior de Angola e era prolífica em operações contra o exército português. Por último, denunciou a marginalização do movimento por parte da OUA como manobra das grandes potências em imporem “regimes de partido único” na África independente.

De fato, em uma tentativa de romper o isolamento diplomático e adquirir publicidade internacional, a UNITA, desde cedo, tentou envolver a OUA como solução para o problema da rivalidade política e ausência de coordenação militar entre os movimentos de libertação angolanos. Em 1968, Savimbi afirmou que, para a criação de uma “verdadeira unidade” era necessária a aceitação, por parte de todos os angolanos e dos estados africanos independentes, da “indisputável realidade política angolana”: a existência de três movimentos políticos a combaterem em Angola – FNLA, MPLA e UNITA.²⁵ Um dos elementos que o líder do Galo Negro considerou essencial para a realização efetiva da cooperação entre as organizações rivais, foi a participação da OUA como mediadora das negociações e a sua inclusão na futura aliança tripartida com o estatuto de observador.²⁶ Durante o 2º Congresso do movimento foi relançado o apelo à OUA para a formação urgente de uma Frente Democrática Unida que resolvesse a fratura entre as três organizações independentistas.²⁷ Em 1969, em uma carta enviada ao Comitê de Libertação, a UNITA demonstrou-se novamente disposta a iniciar conversações de “unidade” com o MPLA e FNLA, nas quais a OUA funcionaria como plataforma neutra para as negociações.²⁸ No mesmo ano, o Comitê Central da UNITA convocou uma reunião urgente “dos movimentos de libertação de Angola para conversações de unidade sob os auspícios da

25 AFMS, Fundo Mário Pinto de Andrade (FMPA), P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, 1968, p. 38.

26 AFMS, FMPA, P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, pp. 38-39.

27 AHS, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Fundo José Laranjo (FJL), Movimentos Nacionalistas Africanos (MNA), 30, *II Congresso da UNITA*, 1969, p. 5.

28 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 1, 1969, p. 9.

OUA”.²⁹ Em 1972, o movimento reconheceu que todos os memorandos relativos à reconciliação nacional enviados ao Comitê de Libertação haviam sido ignorados.³⁰ As declarações públicas em favor da unidade angolana e o apelo à OUA como base para a sua concretização, constituíram um dos temas mais assíduos na literatura panfletária da UNITA.³¹ A busca pela unidade não foi uma característica única do Galo Negro. Essa foi, aliás, uma retórica transversal aos movimentos angolanos durante a Guerra de Libertação.³² Contudo, esses movimentos foram incapazes de ultrapassar as suas rivalidades internas e de construir frente comum funcional contra o colonialismo português.

Outro dos temas recorrentes nos boletins informativos foi o da exposição dos moldes da luta armada e descrição das atividades anticoloniais desenvolvidas pela guerrilha do Galo Negro contra o colonialismo português, o que incluiu a publicação de correspondência entre a Direção do movimento e o Comitê de Libertação da OUA.

Em uma dessas cartas, em janeiro de 1969, a UNITA demonstrou preocupação perante os comunicados de guerra “bombásticos e monótonos” publicados pelos movimentos independentistas rivais, e responsáveis por minar a credibilidade da luta anticolonial angolana: “Pedimos ao Comitê de Libertação Africano que note que a credibilidade dos esforços de propaganda nacionalista caiu muito devido ao exagero e à distorção. Acreditamos que a melhor propaganda na luta é sempre a verdade”.³³ Porém, o Galo Negro reivindicou perante o Comitê de Libertação a presença “inquestionável” da guerrilha da UNITA, desde 1966, em seis províncias angolanas (Moxico, Cuando-Cubango, Lunda, Bié, Malanje e Huambo), regiões onde

29 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 2, 1969, p. 4.

30 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 9, 1972, p. 4.

31 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 2, 1969, pp. 7-8; AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 7, 1971, pp. 3, 10.

32 AFMS, Documentos Vítor Cabrita Neto (DVCN), P. 02970.010.014, *The MPLA's historic approaches to the UPA-FNLA on the unity of the angolan fighting forces*, 1972, pp. 1-4; AFMS, FMFA, P. 04339.002.010, *MPLA – ‘O Povo aspira para Unidade’*, 1974, p. 1.

33 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 1, 1969, p. 8.

mantinha “largas áreas” sob seu controle, e onde havia organizado serviços de educação, saúde e fomento agrícola entre as populações.³⁴ Em outra carta ao Comitê de Libertação, datada de agosto de 1969, voltou a ser exagerada a extensão territorial da luta armada do Galo Negro, ao se afirmar que a UNITA havia “enraizado” suas forças no Huambo e tinha aberto uma nova frente na província da Huíla, expandindo a atividade da guerrilha para sete dos quinze distritos de Angola.³⁵

De forma semelhante aos excessos propagandísticos que denunciou por parte da literatura panfletária de outros movimentos, a UNITA exagerou claramente a extensão da atividade de sua luta armada em Angola à OUA. A guerrilha do Galo Negro nunca atuou no Huambo e na Huíla, a sua atividade na Lunda e Malanje foi essencialmente de caráter transitório e, para esse período, o único núcleo territorial sob controle efetivo localizava-se no alto curso do rio Lungué-Bungo no distrito do Moxico.³⁶ Em resumo, entre 1968 e 1969, a UNITA desenvolvia atividades em três províncias (Moxico, Cuando-Cubango e Bié) e mantinha uma zona reduzida sob domínio permanente em uma região (Moxico).

Para além da distorção quanto à dimensão da luta armada, foram elaborados vários convites a representantes da OUA para inspecionarem as zonas operacionais da UNITA, o que se tornou um registo comum na literatura propagandística do movimento. Em 1969, a organização de Savimbi solicitou ao Comitê de Libertação a criação de uma comissão que visitasse o interior de Angola e avaliasse o desempenho das guerrilhas independentistas:

Pensamos que o Comité de Libertação Africano deveria enviar uma comissão de inquérito para descobrir quem está a fazer o quê dentro de Angola. Ao fazer isto, o Comité estaria em melhor posição para avaliar as realizações e as necessidades da luta angolana. A UNITA

34 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 1, 1969, p. 8.

35 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha-Special Issue*, No. 2, 1969, pp. 7-8.

36 Arquivo da Defesa Nacional (ADN), Lisboa, Secretariado-Geral da Defesa Nacional (SGDN), F002, S02, S007-002, C01, N° 28 CCFA-SUPINTREP, *UNITA*, 1973, Capítulo I, Anexo C, fls. 2-5.

daria calorosas boas-vindas à Comissão e daria toda a assistência e cooperação possíveis.³⁷

No mesmo ano, apelou ao envio de observadores imparciais da OUA às “áreas libertadas” da UNITA “para avaliar o nosso trabalho”.³⁸ Em 1970 foi elaborado um novo pedido público para a criação de uma comissão que visitasse as áreas dos três movimentos de libertação, e distribuiu assistência material “de acordo com os seus méritos”.³⁹ Samuel Chiwale, em Maio de 1971, apresentou uma petição ao Comitê de Descolonização da ONU e ao Comitê de Libertação da OUA, onde expôs a “excelente situação das áreas libertadas da UNITA” e enviou um convite público formal aos dois Comitês para as visitarem.⁴⁰

Outra tendência que se registrou nos comunicados públicos do Galo Negro foi a de denunciar a marginalização do movimento por parte da OUA. Essas reações ao isolamento diplomático expõem aquilo que a UNITA via como suas três características originais na luta armada: a doutrina de autossuficiência; o estabelecimento da liderança político-militar no interior de Angola; e uma política internacional de não alinhamento. Por um lado, argumentou ser um movimento legítimo do reconhecimento oficial da OUA e merecedor de receber assistência material e financeira; por outro lado, nas acusações que fez ao isolamento que lhe foi imposto, tentou demonstrar que, ao pôr em prática aqueles três princípios, a UNITA tinha a capacidade de ultrapassar as desvantagens criadas pela marginalização que enfrentava no plano externo.

A principal acusação feita à OUA foi a de tentar estabelecer um regime de “partido único” nos países africanos que lutavam pela independência. Já antes da fundação oficial da UNITA, em 1965, Savimbi havia alertado para o que seriam, na sua opinião, os “erros” da OUA, que se explicavam pela carência de informações adequadas sobre as lutas pela

37 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 1, 1969, p. 8.

38 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 1, 1969, p. 4.

39 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 4, 1970, p. 8.

40 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 7, 1971, p. 5.

independência em África: “Os reconhecimentos dados [pela OUA] a uns e recusados a outros não reflectem nem a opinião dos Povos colonizados nem a determinação dos grupos reconhecidos”.⁴¹ Em 1968, Savimbi expressou mais uma vez críticas à OUA, ao acusar a organização de funcionar como um veículo de interesses estrangeiros com o propósito de impor a “hegemonia de certos grupos políticos sobre o nacionalismo angolano.”⁴² Durante o 2º Congresso do movimento, em 1969, reafirmou-se que a OUA deveria ter em conta a situação existente em Angola e não aquela que lhe fosse politicamente conveniente, e foi lançado o aviso de que qualquer manobra para impor uma única organização, não passava de “truques para atrasar a nossa libertação nacional”.⁴³ Além disso, o movimento do Galo Negro reafirmou publicamente a firmeza em continuar a luta armada apesar do isolamento que lhe fora imposto: “A UNITA está determinada em seguir em frente com ou sem ajuda externa”.⁴⁴ Em uma entrevista concedida em 1996, o comandante N’Zau Puna acusou a OUA de prejudicar propositalmente a UNITA, ao não seguir as estipulações da sua carta fundadora, que requeria que, quando um movimento de libertação fosse constituído, se criasse uma comissão que verificasse a existência das suas atividades político-militares no terreno.⁴⁵

A retórica panfletária da UNITA distanciou os moldes da sua luta do MPLA e FNLA,⁴⁶ e estabeleceu uma ligação direta entre a luta a partir do exílio e a vulnerabilidade à instrumentalização de potências externas: “A luta liderada a partir de sedes exiladas é muito perigosa, porque gera as sementes da corrupção, da falta de iniciativa, das intrigas internacionais e

41 AHS, ICS, FJL, MNA, 72, *Basta: Confia em ti mesmo antes de esperar pelo próximo*, 1965, p. 26.

42 AFMS, FMPA, P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, 1968, p. 17.

43 AHS, ICS, FJL, MNA, 30, *II Congresso da UNITA*, p. 5.

44 AHS, ICS, FJL, MNA, 30, *II Congresso da UNITA*, p. 4

45 Entrevista a Miguel N’Zau Puna conduzida por Tor Sellström, Luanda, 17 de abril 1996, ☐. (Acesso em 26/01/2024)

46 AHS, ICS, FJL, MNA, 31, *To the Fighting Women of the World, meeting in Tirana - Albania*, 1971, p. 2; AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 2, 1969, pp. 1-2.

vai conduzir inevitavelmente o país e o povo a uma situação neocolonialista”.⁴⁷ O movimento de Savimbi apresentou-se como um modelo exemplar imune a qualquer manipulação, ao praticar uma doutrina de autossuficiência que reduzia a dependência do exterior.⁴⁸ Nessa retórica, a OUA foi acusada de funcionar como uma plataforma de ingerência externa em Angola, onde favorecia organizações independentistas que lutavam a partir do exílio e propositadamente ignorava a luta armada do Galo Negro no interior do país.

Uma acusação de ingerência externa foi a proposta de Kwane Nkrumah à OUA de criar um exército Pan-Africano que apoiasse as lutas pela independência.⁴⁹ A UNITA rejeitou a hipótese de criação de brigadas internacionais africanas, ao reivindicar que a “luta pela independência angolana deve ser feita por angolanos em solo angolano” e que o colonialismo português só seria derrotado por uma “guerra popular guiada pela liderança revolucionária” baseada nos “princípios científicos do Marxismo-Leninismo”.⁵⁰

As vantagens materiais concedidas pela OUA a outros movimentos, foram também alvo de denúncias pela UNITA, que acusou o Comité de Libertação de disponibilizar equipamento militar ao MPLA que, por sua vez, o utilizava contra o movimento de Savimbi e não contra as tropas portuguesas.⁵¹ Em 1970, o Galo Negro apelou publicamente à OUA que cortasse a assistência à organização de Agostinho Neto:

A UNITA várias vezes chamou a atenção do Comité de Libertação da OUA para as actividades vergonhosas e contra-revolucionárias do MPLA, que obtém o apoio do Comité. É uma ilusão acreditar que mais ajuda material e mais armas dadas a um grupo acabariam com a guerra colonial ao destruir outros grupos. O Comité de Libertação da OUA

47 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 4, 1970, p. 3.

48 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 4, 1970, p. 3.

49 Benedikt Franke, “A Pan-African Army: The Evolution of an Idea and its eventual realization in the African Standby Force”, *African Security Review*, n. 15, vol. 4 (2006), .

50 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 9, 1972, pp. 2, 7.

51 AFMS, FMFA, P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, p. 35.

pode e deve parar de ajudar um movimento de libertação que está a usar as suas armas contra os angolanos.⁵²

Chiwale relata em suas memórias que o equipamento militar prometido pela China nunca foi entregue à UNITA pelo Comitê de Libertação, mas foi distribuído a outros movimentos de libertação.⁵³ Relatórios da PIDE sugerem que as armas foram apreendidas pelo governo da Tanzânia sob pressão do MPLA, mas não existe nenhuma menção explícita relativamente ao envolvimento da OUA.⁵⁴

A AAPSO, fundada no Cairo em 1957, foi outra das plataformas internacionais das quais a UNITA foi marginalizada.⁵⁵ Em 1967, com a retirada da China da organização no contexto da rivalidade entre Moscou e Pequim, a AAPSO passou a patrocinar exclusivamente os movimentos de libertação considerados “autênticos” pela política externa soviética – MPLA, FRELIMO, PAIGC, ANC, ZAPU e SWAPO.⁵⁶ Apesar da UNITA demonstrar publicamente seu interesse em participar da AAPSO,⁵⁷ o alinhamento pró-China do movimento significou a exclusão do leque de organizações reconhecidas como “progressistas” na Conferência de Khartoum. O comandante da UNITA, N’Zau Puna, resumiu sua percepção do espírito da Conferência em uma entrevista: “os chamados ‘autênticos’ – ou ‘os progressistas’ – estavam na esfera soviética e declararam que eram os únicos [legítimos]. Os outros eram [considerados] agentes da CIA”.⁵⁸ A reação panfletária da UNITA à marginalização passou por

52 AHS, ICS, FJL, MNA, 71, *Kwacha*, No. 4, 1970, p. 2.

53 Samuel Chiwale, *Cruzei-me com a História*, Lisboa: Sextante, 2008, p. 120.

54 ANTT, PIDE-DGS, DA, P.C.1.UNITA, Vol.1, NT9093, *Zâmbia: Actividades da UNITA/2274-68*, 1968, fl. 193.

55 Marcum, *The Angolan Revolution*, p. 225.

56 Charles Neuhauser, *Third World Politics: China and the Afro-Asian People’s Solidarity Organization (1957-1967)*, Harvard: Harvard University Asia Center, 1968, pp. 39-68; Telepneva, “Our Sacred Duty”, pp. 177-178.

57 AFMS, FMPA, P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, p. 25.

58 Entrevista a Miguel N’Zau Puna conduzida por Tor Sellström, Luanda, 17 de Abril 1996,  (Acesso em 26/01/2024)

denunciar a AAPSO como um palco de “conspirações imperialistas”.⁵⁹ Alguns dos movimentos que integravam a associação foram acusados de hesitar na opção pela luta armada e de nunca terem disparado um tiro nos seus respectivos países: “Ironicamente, muitos destes ‘seis favoritos’ ainda não dispararam um único tiro nem manejaram uma única granada nos seus próprios países, e já estão a decidir quem irá dirigir os governos e quem irá assumir as futuras pastas [ministeriais]”.⁶⁰

A UNITA não esteve isolada nessas denúncias. Em 1969, quatro movimentos de libertação de tendência maoísta – COREMO, PAC, UNITA e ZANU – reagiram em uma declaração conjunta ao favorecimento das seis organizações do grupo de Khartoum. Nessa declaração, afirmou-se que a Conferência de Khartoum não representava as “massas oprimidas da África Austral” e que os movimentos presentes eram incapazes de fornecer uma imagem autêntica da luta armada.⁶¹ A AAPSO foi considerada uma associação “lacaia” da URSS, com uma atitude “divisionista” e com o objetivo de marginalizar os movimentos que não acatavam ordens do Kremlin, particularmente em relação ao caso angolano.⁶² Indicativo da retórica maoísta utilizada na competição sino-soviética pela liderança das revoluções africanas, esses movimentos marginalizados argumentaram que a AAPSO funcionava como um instrumento soviético para conter as lutas de libertação, com o propósito de servir a prioridade global de *détente* de Moscou com o imperialismo norte-americano.⁶³ A conexão soviética foi retratada como um elo manipulador que limitava a autonomia das organizações nacionalistas: “Nenhum movimento de libertação ou organização

59 AHS, ICS, AHS, MNA, 137, *An International Conspiracy against the African Peoples*, 1970, p. 3.

60 AHS, ICS, AHS, MNA, 137, *An International Conspiracy against the African Peoples*, 1970, p. 3.

61 AHS, ICS, AHS, MNA, 142, *Joint Statement on the AAPSO Khartoum Conference*, 1969, p. 2.

62 AHS, ICS, AHS, MNA, 142, *Joint Statement on the AAPSO Khartoum Conference*, 1969, p. 1.

63 AHS, ICS, AHS, MNA, 142, *Joint Statement on the AAPSO Khartoum Conference*, 1969, p. 1; Jeremy Friedman, *Shadow Cold War: The Sino-Soviet Competition for the Third World*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015, pp. 182-183.

progressista pode alinhar-se com o Kremlin e manter a sua dignidade e independência”.⁶⁴

Do lado soviético, as transmissões internacionais da Rádio Moscovo frequentemente retratavam qualquer organização independentista angolana que não colaborasse com o MPLA como uma força divisionista no contexto da luta de libertação. A FNLA e a UNITA foram retratadas como organizações “reacionárias” e “criações imperialistas”, e o movimento separatista da Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) foi considerado uma criação de Jonas Savimbi, com o propósito exclusivo de dificultar as atividades anticoloniais do MPLA em Cabinda.⁶⁵ A Rádio Moscovo noticiou também a suposta “influência negativa” de Pequim na África Austral, ao apoiar movimentos com “ideologias anti-soviéticas”, como a FNLA, o COREMO e a UNITA.⁶⁶ O movimento de Savimbi foi apresentado como o exemplo de uma organização tipicamente maoísta que “não só formam grupos impotentes de conspiradores e falsificadores, mas também acabam no campo dos inimigos da liberdade do povo africano”.⁶⁷

Conexões Globais

O discurso propagandístico da UNITA transmitiu a ideia de que a organização estava totalmente privada de redes de solidariedade externas e não recebeu nenhuma “munição, espingarda, ou pistola de nenhum país estrangeiro”.⁶⁸ Apesar de o movimento do Galo Negro estar em clara

64 AHS, ICS, AHS, MNA, 142, *Joint Statement on the AAPSO Khartoum Conference*, 1969, p. 3.

65 ANTT, Serviços de Centralização e Coordenação de Informação de Angola (SCCIA), Livro (L) 135, Relatório de Situação (RS) N°256, 1MAR67 a 6MAR67, 1967, fl. 12; ANTT, SCCIA, L135, RS N°259, 1967, fl. 8; ANTT, SCCIA, L140, RS N°356, 1969, fl. 21.

66 ANTT, SCCIA, L152, RS N°517, 1972, fl. 24; ANTT, SCCIA, L152, RS N°521, 1972, fl. 13; ANTT, SCCIA, L159, RS N°628, 1974, fl. 14.

67 ANTT, SCCIA, L156, RS N°567, 1973, fl. 14.

68 AFMS, FMPA, P. 04357.006.007, *Angola Seventh Year – UNITA Central Committee*, p. 35.

desvantagem na variável externa em relação a outras organizações nacionalistas angolanas, isso não significa que existisse uma ausência completa de ajuda material e financeira vinda do exterior. Essa assistência externa variou institucionalmente, cronologicamente e nos meios disponibilizados. O apoio consistente de atores governamentais à UNITA durante a Guerra de Libertação resumiu-se a três países: China, Egito e Suécia.

A República Popular da China esteve intimamente ligada ao processo de fundação da UNITA, por meio da oportunidade do curso de guerrilha que disponibilizou, em meados de 1965, a um grupo de onze militantes do movimento.⁶⁹ A formação militar desse núcleo de comandantes foi, muito provavelmente, um dos apoios externos mais determinantes para a concretização da luta armada do Galo Negro no interior de Angola.

Após esse importante episódio, a ajuda chinesa focou-se essencialmente no apoio financeiro e moral. Fred Brigland, autor de uma biografia de Jonas Savimbi com contornos apologéticos, relata que, apesar dos pedidos de equipamento militar feitos pela UNITA em 1966, as autoridades chinesas optaram pelo apoio financeiro, devido às dificuldades logísticas em transportar armamento através da Tanzânia e Zâmbia até às mãos do movimento em Angola. A questão estava relacionada com a doutrina de guerrilha chinesa, que dava ênfase à diminuição da dependência do exterior, por meio da implementação de métodos de autossuficiência: “Em vez disso, eles [chineses] deram-nos dinheiro. De qualquer forma, a sua teoria da guerra de guerrilha era que a melhor fonte de armas provinha do inimigo”.⁷⁰ A literatura acadêmica que se debruçou sobre o assunto considerou a ajuda monetária chinesa relativamente modesta, totalizando até o início da década de 1970 cerca de 5 mil dólares.⁷¹ Contudo, relatórios militares portugueses sugerem uma escala de ajuda financeira consideravelmente maior.

69 Sobre a experiência formativa da UNITA na China ver Ribeiro, “UNITA, China, and the Soviet Bloc”, pp. 64-68.

70 Fred Brigland, *Jonas Savimbi: Key to Africa*, Edinburgh: Mainstream, 1986, p. 71.

71 Jackson, “China’s Third World Foreign Policy”, p. 398; Marcum, *The Angolan Revolution*, pp. 229-230.

Em 1972, por exemplo, um desses relatórios faz referência à doação de 12 mil dólares para a causa do Galo Negro por parte da China.⁷²

O apoio financeiro de Pequim teve aplicações polivalentes. Com base nesse financiamento, a UNITA estabeleceu, em 1968, um centro de recrutamento e de recebimento de armamento no Cairo.⁷³ Na Zâmbia, a embaixada chinesa em Lusaka apoiou o movimento do Galo Negro de várias formas, particularmente durante o período de exílio que a organização atravessou no início da luta armada. Por um lado, entregou dinheiro e material para a fabricação de explosivos a Smart Chata, que então liderava as células da UNITA em Lusaka.⁷⁴ Por outro, o corpo diplomático chinês pressionou o governo de Kenneth Kaunda para impedir a expulsão de militantes do Galo Negro e o encerramento de representações do movimento naquele país.⁷⁵ Durante o exílio de Jonas Savimbi no Cairo, a embaixada chinesa na Zâmbia tornou-se um elo de comunicação importante entre a UNITA *externa* e a UNITA *interna*, ao transmitir as ordens de Savimbi aos militantes em Lusaka, que, por sua vez, as encaminhavam aos comandantes da guerrilha no interior de Angola.⁷⁶

Ao contrário do caso egípcio, não há conhecimento de que a UNITA tenha mantido uma representação permanente na China. No entanto, relatórios da PIDE sugerem que Viriato da Cruz, o histórico fundador e dissidente do MPLA, que se juntou à FNLA em 1964 para depois abandonar a organização em 1966, quando se refugiou na China, tenha desempenhado funções de representante da UNITA durante o exílio naquele país.⁷⁷

Pequim também ofereceu solidariedade moral por meio de publicidade na imprensa. Os jornais de língua inglesa, *Peking Review* e *Xinhua*

72 ADN, SGDN, C5702, P4, *Relatório Ministério dos Negócios Estrangeiros para Grupo de Peritos sobre África da NATO*, 1973, fl. 61.

73 ANTT, PIDE-DGS, SC/P.6573, Vol.2, NT 7444-7448, *Apoio da China à UNITA*, fl. 242.

74 ANTT, PIDE-DGS, SC/P.6573, Vol.2, NT 7444-7448, *Apoio da China Comunista à 'UNITA'*, fl. 340.

75 ANTT, PIDE-DGS, SC/P.6573, Vol.2, NT 7444-7448, *Encerramento da Sede da 'UNITA' em Lusaka*, fl. 355.

76 ANTT, PIDE-DGS, SC/P. 6573, Vol.2, NT 7444-7448, *Actividades da UNITA*, fl. 424.

77 ANTT, PIDE-DGS, SC/P. 6573/Vol.2, NT 7444-7448, *Actividades da UNITA*, fl. 390.

News Agency, publicados pelo governo do Partido Comunista Chinês, fizeram diversas menções à luta do Galo Negro em Angola. Essa imprensa representou a UNITA como um movimento que aplicou, de forma bem-sucedida, os princípios da guerrilha maoísta, e um exemplo das contribuições anticoloniais chinesas nas lutas de libertação em África.⁷⁸ De forma recíproca, a UNITA saudou “os sucessos da Revolução Cultural que transformaram a China no centro da Revolução Mundial” e, em 1969, enviou “as mais cordiais saudações revolucionárias ao Chairman Mao”.⁷⁹ O favorecimento moral ao Galo Negro alterou-se no início da década de 1970, quando a publicidade à UNITA na imprensa chinesa foi suplantada por menções exclusivas às atividades anticoloniais do MPLA.

Nos períodos finais da Guerra de Libertação a política externa chinesa em relação à questão africana mudou, em razão do abrandamento do fervor da Revolução Cultural e do reconhecimento da China pela ONU em 1971.⁸⁰ Isso contribuiu para uma aproximação entre Pequim e o regime de Mobutu no Zaire, que, por sua vez influenciou a questão regional angolana.⁸¹ A prioridade das relações sino-zaienses levou a China a patrocinar, de forma determinada, a FNLA a partir de 1973 e a um gradual afastamento da causa da UNITA.⁸²

O apoio institucional do governo de Gamal Abdel Nasser integra-se no chamado “Ciclo Norte-Africano” de ajuda aos movimentos de libertação da África negra.⁸³ A partir dos finais da década de 1950, o Egito tornou-se

78 *Peking Review*, Beijing, 3 Jan. 1968, pp. 35-36; *Peking Review*, Beijing, 7 Feb. 1970, pp. 21-22; ANTT, PIDE-DGS, SC/ P. 6573, Serviços de Coordenação e Coordenação de Informações (SCCI) (2), Vol.3, NT7444-NT7448, *Angola segundo a Agência China Nova: os Nacionalistas Angolanos exercem domínio em nove das quinze províncias de Angola*, 1970, fls. 1-4.

79 AHS, ICS, FJL, MNA, 30, *II Congresso da UNITA*, p. 4; *Peking Review*, Beijing, 5 May 1969, p. 37.

80 Altorfer-Ong, “East Asian Support to the Southern African Liberation Struggle, 1960’s to 1994”, p. 287; Friedman, *Shadow Cold War*, pp. 202-203.

81 Jackson, “China’s Third World Foreign Policy”, p. 403; Julia Lovell, *Maoism: A Global History*, New York: Vintage, 2019, pp. 215-216.

82 ANTT, SCCIA, L159, RS N°608, 1973, fls. 17, 25.

83 Fonseca, “The Military Training of Angolan Guerrillas in Socialist Countries” p. 110.

uma das “Mecas da Revolução” e a cidade do Cairo um dos “Hubs of Decolonization”, ao lado de capitais como Argel, Accra e Dar-es-Salaam.⁸⁴ O apoio do governo egípcio ao movimento do Galo Negro consistiu na cessão de escritórios no bairro de Zamalek, no Cairo, de onde Tony da Costa Fernandes, encarregado das atividades externas da UNITA, publicava o boletim político *Kwacha*.⁸⁵ Não existe indicação de formação militar de militantes do movimento ou de assistência material à guerrilha. A ajuda governamental do Cairo concentrou-se na vertente *externa* da UNITA, por meio de disponibilização de infraestrutura para efeitos de propaganda e na abertura de canais diplomáticos. O apoio egípcio revelou-se particularmente importante durante a prisão de Savimbi na Zâmbia, em julho de 1967. De acordo com Brigland, a pressão diplomática de Nasser sobre Kaunda foi determinante para impedir a entrega do líder da UNITA às autoridades portuguesas.⁸⁶ Após a expulsão da Zâmbia, Savimbi utilizou o Cairo como base para relançar o movimento, onde criou a Missão Externa, composta por Miguel N’zau Puna, encarregado da vertente militar; o histórico fundador Tony da Costa Fernandes, com responsabilidades versáteis de diplomacia e propaganda; e Jorge Sangumba, como representante da UNITA no exterior. Nasser concedeu à Missão Externa da UNITA um estatuto igual ao dos outros movimentos de libertação com representação no Egito.⁸⁷

A Suécia foi outro dos países que apoiou oficialmente a luta da UNITA, embora durante um curto período (1966-1968). Antes da fundação do movimento do Galo Negro, em 1966, a União Nacional dos Estudantes de Angola (UNEA), dirigida por Jorge Valentim, já mantinha estreitas relações com o mundo estudantil escandinavo, por meio do International

84 Eric Burton, “Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and ‘Eastern’ Connections in Cairo, Accra and Dar es Salaam” in Lena Dallywater, Chris Saunders and Helder Adegar Fonseca (eds.), *Southern African Liberation Movements and the Global Cold War ‘East’*, (Berlin: De Gruyter, 2019), pp. 27, 30-40, ; Jeffrey James Byrne, *Mecca of Revolution: Algeria Decolonization & the Third World*, New York: Oxford University Press, 2016, pp. 188-210.

85 ANTT, PIDE-DGS, DA, P. C.1.UNITA, Vol.2, NT 9093, *Actividades da UNITA*, 1969, fl. 185.

86 Brigland, *Jonas Savimbi*, p. 75.

87 Brigland, *Jonas Savimbi*, pp. 77-79.

University Exchange Fund (IUEF) e de seus colaboradores Gunnar Eriksson e Pierre Schori.⁸⁸ De acordo com Puna, foi essa ligação prévia que possibilitou os primeiros contatos entre a UNITA e o governo sueco.⁸⁹ A visita de Savimbi a Estocolmo, em maio de 1967, que se realizou com base em um convite do Partido Social Democrata Sueco, proporcionou a primeira ocasião de publicidade internacional para a UNITA.⁹⁰ O apoio financeiro concedido ao movimento foi limitado. A visita de Savimbi à Suécia incluiu atividades de angariação de fundos por meio do Uppsala South Africa Committee e do Stockholm Africa Committee. O primeiro, em 1967, reuniu pequenas quantias para serem distribuídas entre dez movimentos de libertação, incluindo a UNITA. O segundo doou ao movimento do Galo Negro mil coroas suecas. Não há referências de financiamento a fundo perdido por parte do Governo de Estocolmo à UNITA.⁹¹

No entanto, a Suécia facilitou consideravelmente a logística da UNITA *externa* no ano de 1968, em um momento crítico em que Savimbi se encontrava exilado no Cairo, em decorrência de sua expulsão da Zâmbia, e a guerrilha no interior de Angola corria o risco de desintegração total. Por meio dos contatos com o IUEF, foram organizados vários voos de militantes da UNITA, que possibilitaram a reentrada em Angola e a posterior refundação do movimento.⁹²

A entrada de Savimbi em Angola, em meados de 1968, significou o corte da linha de solidariedade que a UNITA mantinha com a Suécia desde 1966. As razões apresentadas para o fim dessas relações são duas. Puna refere que a fixação da liderança político-militar nas matas fragilizou as

88 Entrevista a Jorge Valentim conduzida por Tor Sellström, Luanda, 18 de Abril 1996.  (Acesso em 26/01/2024); Tor Sellström, *Sweden and National Liberation in Southern Africa: Volume I, Formation of a Popular Opinion (1950-1970)*, Nordiska Afrikainstitutet: Uppsala, 1999, pp. 404-405.

89 Entrevista a Miguel N'Zau Puna conduzida por Tor Sellström, Luanda, 17 de Abril 1996.  (Acesso em 26/01/2024).

90 Sellström, *Sweden and National Liberation in Southern Africa*, pp. 401, 406.

91 Sellström, *Sweden and National Liberation in Southern Africa*, p. 409.

92 Entrevista a Miguel N'Zau Puna conduzida por Tor Sellström, Luanda, 17 de Abril 1996.  (Acesso em 26/01/2024).

linhas de comunicação com o exterior, o que dificultou a manutenção das relações com a Suécia.⁹³ Por outro lado, Tor Sellström sugere uma mudança na opinião pública sueca em favor do MPLA e o *lobby* da CONCP como a razão da exclusão da UNITA do apoio governamental oficial de Estocolmo.⁹⁴ O testemunho de Jorge Valentim reforça essa linha interpretativa:

Eles [CONCP] atuaram como um grupo. Eles representavam-se uns aos outros e isso teve alguma influência. Penso que a Suécia estava a ficar com a impressão de que era melhor trabalhar com esses movimentos do que ligar-se ideologicamente. Houve algum tipo de atitude que ‘vamos apostar nestes movimentos [MPLA, FRELIMO e PAIGC] e esquecer o resto’.⁹⁵

As ligações da UNITA com o Bloco do Leste foram efémeras. Da República Democrática Alemã, a organização recebeu apoio financeiro pontual em 1966, através da representação diplomática daquele país em Lusaka.⁹⁶ Da República Popular Socialista da Albânia, recebeu apoio moral, através da participação de uma delegação feminina da UNITA na conferência da União das Mulheres da Albânia, realizada em 1971, em Tirana, que permitiu ao movimento uma oportunidade de divulgar sua luta nos círculos maoístas internacionais.⁹⁷ De acordo com os serviços de informação portugueses, as conexões entre a União Soviética e o movimento do Galo Negro eram inexistentes.⁹⁸ Porém, José Milhazes, baseando-se em documentação de arquivo russa, sugere que os serviços de espionagem soviéticos tentaram estabelecer ligações com todos os movimentos armados que lutavam em Angola contra as tropas portuguesas, com o propósito de

93 Entrevista a Miguel N’Zau Puna conduzida por Tor Sellström, Luanda, 17 de Abril 1996, [?]. (Acesso em 26/01/2024).

94 Sellström, *Sweden and National Liberation in Southern Africa*, pp. 409-410.

95 Entrevista a Jorge Valentim conduzida por Tor Sellström, Luanda, 18 de Abril 1996, [?]. (Acesso em 26/01/2024).

96 ANTT, PIDE-DGS, DA, P. C.1.UNITA, Vol.1, NT9093, *Zâmbia: Actividades da UNITA/2274-68*, 1968, fl. 193.

97 AHS, ICS, FJL, MNA, 31, *To the Fighting Women of the World, meeting in Tirana - Albania*, 1971, pp. 1-4.

98 ANTT, PIDE-DGS, SC, P. 6573 SCCI (2), Vol.4, NT7444-NT7448, *Apoio da Rússia à UNITA*, 1970, fl. 1003.

“definir a sua política”.⁹⁹ Esses contatos, se ocorreram do lado da UNITA, não tiveram eco nem nas narrativas memoriais, nem nos relatórios produzidos pela PIDE. Fora do Bloco do Leste, e além do apoio recebido da China, como já mencionado, do restante mundo comunista há o registro de que o Galo Negro recebeu armas oferecidas por Fidel Castro durante o início da luta armada.¹⁰⁰

A UNITA também foi beneficiária de assistência por parte de atores não estatais, particularmente dos Estados Unidos da América. Essa ajuda privada, essencialmente financeira, ultrapassou de longe o apoio monetário disponibilizado pelos governos simpatizantes à causa do Galo Negro. Do World Council of Churches (WCC), organização cristã internacional, o movimento recebeu, entre 1970 e 1974, um total de 34 mil dólares, proveniente de um fundo especial para combater o racismo. Em termos comparativos, o MPLA recebeu, da mesma organização, 78 mil dólares e a FNLA 60 mil dólares.¹⁰¹ Ao contrário do caso da FNLA, não é possível comprovar se na fase anticolonial a CIA financiou de forma direta ou indireta a UNITA. Em fevereiro de 1976, durante as fases iniciais da Guerra Civil, e após as pesadas derrotas da FNLA na tentativa de tomar Luanda do MPLA, a UNITA passou a ser o parceiro privilegiado da CIA em Angola¹⁰² – uma tendência que se manteve até o fim da Guerra Fria.

O movimento do Galo Negro encontrou considerável apoio nos movimentos emancipacionistas dos direitos civis afro-americanos no início da década de 1970. Em 1972, o movimento tornou-se beneficiário financeiro do African Liberation Support Committee (ALSC), organização de ativismo negro fundada em Detroit, de orientação anti-imperialista e

99 José Milhazes, *Angola: O Princípio do Fim da União Soviética*, Lisboa: Nova Vega, 2015, p. 41.

100 ANTT, SCCIA, L134, RS Nº241, 1966, fl. 26.

101 ANTT, PIDE-DGS, SC, P. 6573 SCCI (2), Vol.4, NT7444-NT7448, *Organizações Internacionais: Actividades do Conselho Mundial das Igrejas a Favor dos Movimentos Revolucionários Africanos*, 1971, fls. 315-316; Brigland, Jonas Savimbi, pp. 93, 482; Darril Hudson, “The World Council of Churches and Racism in Southern Africa”, *International Journal*, 34, 3, 1979, p. 481, .

102 John Stockwell, *In Search of Enemies: A CIA Story*, New York: W.W Norton & Company, 1978, pp. 235-236.

antirracista.¹⁰³ Porém, os laços de solidariedade mais fortes foram estabelecidos com o Black Panther Party (BPP), movimento político promotor do *Black Power*, fortemente influenciado pelo Pan-Africanismo e pelas contribuições revolucionários do Maoísmo.¹⁰⁴ De acordo com Marcum, o suposto “unirracismo” da UNITA permitiu aos ativistas afro-americanos dos Panteras Negras associarem-se a um movimento que, tal como eles, compartilhava uma aversão pela “manipulação” das lutas de libertação em África pelas elites “mestiças”.¹⁰⁵ O “multirracismo” do MPLA, por outro lado, tinha um apelo mais forte no público branco e progressista norte-americano do que no universo de organizações negras associadas ao *Black Power*.¹⁰⁶ Em maio de 1970, demonstrando solidariedade recíproca com a causa do BPP, Savimbi batizou uma coluna da guerrilha da UNITA com o nome de *Panteras Negras*.¹⁰⁷ Durante o 3º Congresso do movimento, em agosto de 1973, os *Black Panthers* tornaram-se na primeira organização ocidental a participar de uma conferência política da UNITA, com o envio do representante Kwadwo Akpan às matas de Angola. No Congresso, o tema da cooperação com a comunidade afro-americana foi abordado por Savimbi, e Akpan discursou perante os delegados, anunciando uma doação de 5 mil dólares à UNITA.¹⁰⁸

103 Marcum, *The Angolan Revolution*, p. 239.

104 Jana Cary Alvarez, “Revolution or Reform: Contradictions within the Ideology and Actions of the Black Panther Party (1969-1960)”, (Honors Thesis), University of Puget Sound, Tacoma, 2014, pp. 8-11, [↗](#); Michael Delli Carpini, “Black Panther Party (1966-1982)” in I. Ness and J. Ciment (eds.), *The Encyclopedia of Third Parties in America*, (New York: Armonk, 2000), pp. 190-197.

105 Marcum, *The Angolan Revolution*, p. 240.

106 Raymond Joseph Parrot, “We Are African People: The Development of Black American Solidarity with Portuguese Africa” Dissertation (M.A. in History), University of Texas, Austin, 2014, p. 66, [↗](#).

107 Brigland, *Jonas Savimbi*, p. 91; Chiwale, *Cruzei-me com a História*, p. 135; Paula Cristina Roque, “The Rebel Governance of the SPLM/A and UNITA: A Comparative Study on Parallel States in Angola and South Sudan”, Thesis (PhD in History), University of Oxford, Oxford, 2017, p. 192, [↗](#).

108 AFMS, FMPA, P. 02236.001, *Come and see us for Yourself, UNITA asks OUA*, 1973, p. 9.

Conclusão

No caso da variável externa, apesar da desvantagem comparativa que a UNITA enfrentou durante a luta anticolonial em relação aos movimentos nacionalistas angolanos rivais, o grau de isolamento da organização foi claramente exagerado por sua própria propaganda. O Galo Negro demonstrou capacidade de estabelecer conexões de solidariedade transnacional com atores governamentais e institucionais do mundo comunista europeu e asiático, da Suécia, dos Estados Unidos e de estados africanos independentes. Os recursos mobilizados pela organização nessas redes foram polivalentes e variaram entre o apoio financeiro, material, logístico e moral.

O apoio chinês foi determinante não apenas na formação militar de um núcleo de comandantes durante a fase inicial da luta de libertação, mas também na introdução de uma filosofia maoísta de guerrilha que, em larga medida, influenciou o modo de fazer guerra da UNITA até o final da Guerra Civil, em 2002. Também nos Estados Unidos, a UNITA conseguiu mobilizar apoios e manter relações de solidariedade significativas entre ativistas antirracistas da comunidade afro-americana.

No plano diplomático, a UNITA manteve-se à margem das plataformas anticoloniais regionais africanas. O movimento nunca foi oficialmente reconhecido pela OUA durante a luta anticolonial, ao contrário da FNLA e do MPLA. Na Conferência de Khartoum, em 1969, o Galo Negro não foi considerado uma organização representativa das lutas de libertação em África, ao contrário do conjunto dos movimentos que integravam a AAPSO, como o MPLA, considerados “autênticos” pela política externa soviética. Porém, a marginalização que a UNITA enfrentou no plano diplomático não impediu o movimento de criar suas próprias parcerias regionais, como foi o caso da longa aliança operacional que manteve com a SWAPO até o final da Guerra de Libertação.

O discurso da UNITA em relação à ausência de apoio externo significativo que o movimento enfrentou durante a fase anticolonial, consistiu em denunciar a existência de uma agenda “divisionista” soviética de

marginalização de movimentos de orientação maoísta – reflexo do quadro geral da disputa sino-soviética pela liderança das lutas de libertação em África. A retórica antissoviética do movimento ganhou uma nova dimensão durante a Guerra Civil contra as forças governamentais do MPLA e seus aliados cubanos, período em que a UNITA recebeu considerável apoio material dos Estados Unidos e do regime racista do *Apartheid* da África do Sul, afastando-se de suas origens revolucionárias e transformando-se abertamente em um movimento anticomunista.

Recebido em 17 abr. 2024

Aprovado em 22 jul. 2024

doi: 10.9771/aa.v0i71.60708

Este artigo foca-se nas redes de solidariedade anticolonial estabelecidas pela União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) durante a Guerra de Libertação Nacional (1966-1974), e examina a retórica do movimento sobre o seu “isolamento total” de apoio externo, argumentando que o isolamento da UNITA era de fato relativo, mesmo que comparativamente maior do que a capacidade de outras organizações nacionalistas angolanas em criar e manter linhas consistentes de apoio externo. O argumento do isolamento relativo da UNITA é apoiado por uma análise empírica dos recursos polivalentes mobilizados pelo movimento para sustentar material e financeiramente a sua luta armada. A análise baseia-se na triangulação qualitativa de diversas fontes de arquivo e de panfletos publicados pelo órgão de informação da UNITA.

UNITA | Angola | Guerra de Libertação | Luta Anticolonial | Ajuda Externa

EXTERNAL FACTORS IN UNITA’S ARMED STRUGGLE: COMPETITION AND COLLABORATION (1966-1974)

This article focuses on the anticolonial solidarity networks established by the National Union for the Total Independence of Angola (UNITA) during the National Liberation War (1966-1974) and examines the movement’s rhetoric about its “total isolation” from external support, arguing that UNITA’s isolation was in fact relative, even if comparatively greater than the capacity of other Angolan nationalist organizations to create and maintain consistent lines of external support. The paper’s argument that UNITA’s isolation was relative is supported by empirical analysis of the multipurpose resources mobilized by the movement in materially and financially sustaining its armed struggle. The analysis is based on qualitative triangulation of various archival sources and informational pamphlets published by UNITA itself.

UNITA | Angola | Liberation War | Anticolonial Struggle | Foreign Aid